



A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO COTIDIANO ESCOLAR: ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I DA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR ROBERTO SANTOS – SALVADOR-BA

Patrícia Almeida Moura (1); Vinicius de Oliveira Nepomuceno (1), Elis Souza dos Santos (2), Margareth Valdivino Da Luz Carvalho (3), Tânia Maria Hetkowski(4) .

- (1) *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*; patricia_mouraa@hotmail.com
(1) *Instituto Federal de São Paulo (IFSP)*; professor.vinicius@outlook.com
(2) *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*; elissouzapi@gmail.com
(3) *Governo do Estado Piauí (SEDUC)*; margarethvaldivino@hotmail.com
(4) *Universidade do Estado da Bahia(UNEB)* hetk@uol.com.br

Resumo: O presente artigo trata-se de uma proposta de intervenção com os alunos da Escola Municipal Governador Roberto Santos da cidade de Salvador (BA). Faz-se uma análise reflexiva acerca da produção textual com os alunos do 5º ano B da referida escola, considerando alguns aspectos de construção e reconstrução da competência escrita, a partir de reflexões e do posicionamento crítico do professor, no decorrer de sua prática pedagógica no cotidiano escolar. O objetivo é analisar algumas práticas de escrita como uma forma de inserção social, possibilitando a formação de cidadãos cômicos de seu poder transformador na sociedade, por meio de intervenções ancoradas no Projeto guarda-chuva “*A Rádio da Escola na Escola da Rádio*”, o qual faz parte do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (GEOTEC/UNEB). O projeto traz um processo reflexivo do sujeito por meio da Educação Científica, Geotecnologias, memória e compreensão do lugar e espaço embasados no cotidiano do sujeito.

Palavras-Chave: Produção textual, Professores, Cotidiano.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute sobre o trabalho com a produção de texto na Escola Municipal Governador Roberto Santos, na cidade de Salvador (BA), a partir de uma proposta de intervenção com alunos do 5º ano B do ensino fundamental. Essa intervenção vem sendo desenvolvida sobre os pilares do Projeto “*A Rádio da Escola na Escola da Rádio*”, que faz parte das ações do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (GEOTEC/UNEB) – *Campus I*.

O GEOTEC é um grupo de pesquisa coordenado, atualmente, pela Professora Doutora Tânia Maria Hetkowski e está ligado aos Programas de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade



(PPGEduC) e Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), ambos do Departamento de Educação/UNEB. O grupo desenvolve, na rede pública de ensino na cidade de Salvador (BA), três grandes projetos: “*Rádio da Escola na Escola da Rádio*”, “*K-lab*” e “*Redpub*”.

As três macros-ações do GEOTEC agregam inúmeros subprojetos e compõem, entre outras propostas, a Iniciação Científica de educandos da educação básica e da graduação. Algumas dessas ações acadêmicas são desenvolvidas, desde 2013, na Escola Municipal Governador Roberto Santos, apelidada pela comunidade de “*Robertinho*”, consolidando os alicerces discursivo-interventivos do Projeto da Rádio, entre os quais destacamos: tecnologias de comunicação e informação (TIC), geotecnologias, lugar, memória e educação científica, constituída no lugar dos sujeitos aprendizes.

As discussões referentes ao trabalho com o texto refletem as dificuldades do professor de sair de um discurso teórico para uma prática efetiva e o desejo do aluno de aprender a escrever da forma como o mundo letrado exige. Dessa forma, as reflexões aqui realizadas partiram da premissa de que a produção textual possibilita ao aluno uma formação discursiva mais madura do ponto de vista da sua competência comunicativa, além de permitir um espaço livre para construção e reconstruções do texto a partir do olhar do aluno.

Numa sociedade em que o acesso às informações ocorre instantaneamente, o professor encontra na sua prática diária o desafio de se adequar a essa realidade e equacionar essa prática com as informações trazidas e/ou acessadas pelos alunos no decorrer da aula. Essa crescente demanda de informações escritas não tem sido utilizada pelos professores, em decorrência de uma prática, muitas vezes, desvinculada da teoria ou porque o tempo não permite a ambos a oportunidade de juntos, descobrir e fazer uso adequado de toda gama de informações e, assim, (re)construir paulatinamente uma competência discursiva de inserção social.

Freire (1996) descreve que o processo de ensino-aprendizagem é contínuo e não se caracteriza pela transferência de conhecimentos, mas pelas possibilidades criadas no decorrer do processo. Pensar em educação transformadora e autônoma é, portanto, pensar numa proposta que possibilite ao aluno participar ativamente desse processo, construindo e reconstruindo; o professor, nesse caminhar, será apenas um mediador, um facilitador dessa construção coletiva. A construção do dizer e do fazer constitui a base para um aprendizado contínuo de descobertas, porque o processo ou a prática de textos em sala de aula têm uma relação direta com o discurso pedagógico e com o processo de interlocução entre o produtor que é o aluno e o interlocutor que é o professor.

Conforme Ehlich (1986) *apud* GERALDI (1997), através do diálogo escolar, temos a oportunidade de nos contrapor a dois tipos de discursos: o de ensino-aprendizagem e o da sala de



aula, havendo entre ambos, pontos comuns e divergentes. Assim, procura-se fazer uma análise dialógica do processo de ensino no que se refere às práticas de textos com diferentes aspectos culturais e sociais presentes no contexto da sala de aula, mas que, muitas vezes não são considerados e/ou percebidos pelo professor, devido a questões pedagógicas.

Nesse sentido, as estratégias de ensino podem contribuir para a construção de um fazer pedagógico voltado ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para que o aluno seja, de fato, sujeito do seu dizer.

METODOLOGIA

A metodologia da proposta de intervenção é a abordagem participante. Nesse contexto, estar imerso no *locus* da pesquisa tornou-se de fundamental importância para que pudéssemos vivenciar o cotidiano dos sujeitos sociais de nossa escola. Assim, em conjunto, traçamos e reestruturamos a proposta de intervenção, que, neste caso, foi trabalhar produção textual com os alunos do 5º ano B do ensino fundamental I, dentro do Projeto “Meu Diário Textual”. A proposta consiste em despertar nos alunos seu olhar escritor, seu olhar em torno dos espaços sociais e seu olhar para os acontecimentos tanto de origem individual como coletiva.

A ação foi iniciada no 1º semestre de 2016 e vem acontecendo por meio de uma proposta semanal, na qual a professora destina aquele tempo, unicamente, para desenvolver atividades de produção textual com a turma. Essas produções ficam registradas no “Diário Textual” do aluno e, a cada semana, há uma temática diferenciada. Dessa forma, a proposta da pesquisa vem sendo utilizada como objeto de investigação sobre potencialização da leitura e da escrita, por meio de práticas voltadas para o processo de criticidade e reflexão dos participantes sobre seus textos.

Perceber no cotidiano as potencialidades dos sujeitos em torno dos espaços sociais acaba tornando-se algo relevante para a Educação, visto que, por meio da escrita do aluno, temos a oportunidade de conhecer seu olhar sobre sua história e a representatividade dos espaços e lugares em sua vida. De acordo com Certeau (2005), no cotidiano existem movimentos que se repetem; perceber a lógica que o cotidiano promove através do imprevisto e do caos é de extrema importância. Assim, o cotidiano escolar nos revela inúmeras possibilidades, sendo essencial fazermos um mergulho nesse interior, em busca de explicações para nossos anseios e desejos.

Em todos os encontros no decorrer da intervenção, as atividades direcionadas aos alunos tinham como base trabalhar o tripé oralidade, escrita e leitura, com o olhar voltado para o interior, o



cotidiano e as memórias. Nessa concepção, procuramos construir e reconstruir com os alunos o olhar em torno de sua vida e história, assim como dos lugares e espaços, percebendo, como tais, fatores que marcam e/ou marcaram seu processo de formação de ideias e olhares sobre seus espaços sociais.

Nesse contexto, Carlos (2007) descreve que o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. É nesse lugar, que o sujeito encontra os significados, os sentidos, as angústias e as vivências de sua prática. Por meio desse entendimento, buscamos levar o aluno a se perceber nesse lugar/espaço, como também iniciar o processo de compreensão sobre a importância desses espaços em sua vida, em seu processo de construção de aprendizagens.

Assim, apresentamos uma proposta didática de intervenção, pautada na metodologia participativa, com base teórica na Educação Problematizadora (FREIRE, 1987). Dialogando com o pensamento de Freire (1987), trazemos Brandão (1999, p. 38) ao falar que pesquisa participante “é a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”. Por isso, propomos uma intervenção coletiva, pensada e articulada sob esse olhar autônomo e problematizador, levando nossos alunos a se envolverem em todo o processo do fazer textual coletiva e ativamente.

A metodologia participante foi primordial nesse processo, devido à imersão e à vivência dos sujeitos no decorrer de toda intervenção. Ela nos permitiu fazer reflexões significativas sobre a vida desses alunos, possibilitando que professora e coordenadora vivenciassem o crescimento do aluno, no aspecto humano e crítico, tendo, assim, possibilidade de conhecer as histórias e os olhares desses jovens escritores.

RESULTADO E DISCUSSÕES

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), o objetivo da prática de produção de textos é o de “formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes”. Compreende-se por escritor, o indivíduo que consegue organizar seu discurso e escrever de forma que o leitor compreenda a mensagem construída. No cotidiano escolar, a formação de escritores vem sendo um dos grandes desafios dos professores.

Dessa forma, vivemos numa sociedade com valores diversificados e, assim, o sujeito torna-se alvo de sua própria formação. O discurso que vigora na sala se distancia, gradativamente, do que



a sociedade exige do sujeito e surgem dúvidas, como: qual a relação do texto com a construção da identidade do aluno?

a realidade, o texto que se produz em sala de aula é algo que perpassa a compreensão de um saber. Como professores da educação básica, nos inquietam muitas dúvidas: o que trabalhar com o aluno para que no decorrer do processo, ele consiga estruturar sua escrita para ficar mais consistente do ponto de vista argumentativo? Como possibilitar ao aluno a segurança de escrever, sem medo dos erros ou acertos? São questionamentos que atravessam a reflexão sobre nossa prática na procura de respostas para tais anseios.

Orlandi (2013, p. 72) afirma que “o texto é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar de relação com a representação da linguagem”. Essa representação e as condições de produção, às vezes se distanciam das práticas de escrita, exatamente porque o professor ainda sente o receio de “inovar”.

Por outro lado, de acordo com Farias (2006, p. 57), “inovação pode ser definida como estratégia que expressa dinâmicas explícitas com intenção de alterar ideias, concepções, conteúdos e práticas, em alguma direção renovadora em relação à existente”. Pensar em ações inovadoras no cotidiano escolar é pensar em transcender dinâmicas instituídas de forma explícita e contínua.

No momento em que o professor atribui sentido à sua prática, o aluno sente segurança, mesmo com poucas práticas de escrita e procura seguir em frente, sem tantos receios. Isso se torna real, quando fazemos uma análise do início da intervenção, posto que o medo e as inseguranças dos alunos eram algo vivo no dia a dia da sala de aula. Eles mostravam resistências com afirmações, do tipo: “eu não sei escrever”; “é a primeira vez que vou fazer um texto, professora”; “escrever é difícil”; “eu não consigo, professora”; e, “professora, deixa eu falar ao invés de escrever”. Esses são apenas alguns exemplos das colocações presentes e, de acordo com isso, podemos dizer que “nós, professores”, necessitamos de uma ampla mudança na forma de trabalhar e de conceber a linguagem.

Para (BUZEN, 2006), um importante recurso para construir as relações, entre as práticas escolares e não escolares de jovens e adolescentes, é a elaboração do projeto da escola, o qual diz respeito a todas as possibilidades que se tem a partir da valorização do discurso do aluno. Isto é, deixá-lo livre para, inicialmente, aprender a se posicionar e, assim, dar sentido ao seu papel como sujeito de uma sociedade e de uma comunidade.

É claro que uma formação compartilhada de saberes facilita a comunicação e desenvolve competências de fala e de escrita. Desse modo, dentro da proposta de intervenção, a professora



criou o dia do “Diário Textual”. Num primeiro momento, ela explicou a importância do diário em que, um dia por semana, os educando iriam escrever. Ora, essas produções seriam orientadas por uma temática, trabalhada e discutida, no ambiente escolar, ora seriam livres.

No primeiro mês, a professora desenvolveu um processo de envolvimento e despertar de interesses dos alunos, levando-os a darem vida e sentido ao diário textual deles: cada diário tem a marca expressiva do aluno, sendo representado como eles desejam, por meio de desenhos, imagens ou frases. Depois desse momento de apreciação e construção do diário, a professora passou a fazer as conexões e o envolvimento da turma com esse mundo textual, e, assim, os alunos passaram a desejar o momento da aula do “Diário textual”, isso porque, nessas aulas, eles tinham a oportunidade de expressar seus olhares, angústias e anseios.

Nesse sentido, Koch (2011, p. 57) afirma que “a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção /recepção de textos”. Significa dizer que a produção de texto é o resultado do funcionamento de quase todas as atividades desenvolvidas ao longo da trajetória dos alunos, porque é no e pelo texto que a interação se concretiza e o sujeito se representa, discursivamente, a partir de um posicionamento crítico/reflexivo. Esse processo de produção facilita a vida do sujeito no processo de construção crítica sobre os fatores sejam eles de forma individual ou coletiva.

Barton e Hamilton (1998) dialogam com Koch (2011) ao dizer que o letramento é uma prática cultural, histórica e social, que permite ao aluno se apropriar de conhecimentos, que o levem a agir criticamente em seus meios sociais, posto que o processo de letramento é algo vivo no cotidiano do indivíduo, além de contínuo, que acontece por meio das trocas e construções coletiva. Essas trocas oportuniza o individuo a se apropriarem de outros saberes e conhecimentos facilitando cotidianamente o processo de letramento na vida do individuo.

Sobre a interação professor-aluno no decorrer da prática de produção/construção textual, Koch (2011) diz que aprende-se a escrever, escrevendo, portanto, viabilizar esse processo de escrita significa criar as condições necessárias para que o aluno expresse seus interesses, narre suas histórias sem que, para isso, tenha que se sentir intimidado, pois esse aluno que escreve, sente medo de que seu texto seja lido – há um temor demonstrado pelos questionamentos: “quantas linhas?”; “este parágrafo está bom?”; “eu não sei escrever”; “eu escrevo muito ruim”; “você vai sorrir quando ler meu texto?”; etc. Tais questionamentos e anseios na vida dos educandos acabam sendo interferências que acabam por prejudicar esse processo de inserção do fazer escritor crítico e reflexivo desse aluno que na maioria das vezes encontra-se perdido por um medo bobo e imaturo. E



que na maioria das vezes esta esperando só uma palavra para orientá-lo a prosseguir colaborativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da intervenção, temos a oportunidade de explorar diferentes contextos de aprendizagem da produção textual, em que procuramos despertar esse processo de construção do ser autônomo e de escritores/construtores. Dessa forma, a proposta de intervenção, ancorada ao projeto “*A Rádio da Escola na Escola da Rádio*”, procura por meio do entendimento de lugar e espaço compreender o olhar do aluno, como também o despertar de práticas diferenciadas e inovadoras, proporcionando, assim, a construção de conhecimentos dos espaços sociais e culturais do educando, bem como seu olhar nesse processo de forma individual.

A partir do que foi abordado, acredita-se que a aula em torno da produção textual é um grande facilitador no processo de construção do olhar crítico e, discursivamente, ativo do aluno. Existe a necessidade de o professor pensar nesse processo coletivamente, visto ter sido possível constatar que quando o aluno se sente presente nesse caminhar, a construção se torna também significativa e produtiva.

A princípio, foi possível experimentar os medos e anseios da turma ao se falar em produção textual. Mas quando o professor convidou o aluno a se envolver e o fez sentir ativo e vivo, as produções começaram a surgir de forma significativa, e os relatos tomaram vida de forma que os alunos passaram a enxergar esse momento da produção como momento voltado para a troca e construção, levando assim os partícipes a se sentirem vivos nesse caminhar de forma que todos efetivamente mostrem seus olhares.

Assim, fica claro que, mudanças, transformações e renovações exigem envolvimento e coletividade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTON, D., & HAMILTON, M. (1998). **Local Literacies. Reading and Writing in one Community**. London/New York: Routledge. Disponível em:
<<http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3037/2454>>. Acesso em: 30 jul. 2016.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Secretária de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUZEN, Clecio. **Português no ensino médio e formação de professores**. São Paulo: Parábola, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CERTAU, Michael. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

COSTA, Catarina. **Variação/diversidade linguística, oralidade e letramento: escola e comunidade/organização**. Teresina: EDUFPI, 2014

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

KOCH, I. G. V. **Linguística textual: introdução**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.